



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAH

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**HISTÓRIA DA MORTE: SOBRE O MORRER E SUAS REPRESENTAÇÕES
SIMBÓLICAS E ARQUITETÔNICAS DOS CEMITERIOS CAMPO SANTO PARQUE DA
PAZ E MONTE SANTO EM CAMPINA GRANDE (PB)**

EDINALVA COSTA PEREIRA

CAMPINA GRANDE-PB

2015

**HISTÓRIA DA MORTE: SOBRE O MORRER E SUAS REPRESENTAÇÕES
SIMBÓLICAS E ARQUITETÔNICAS DOS CEMITERIOS CAMPO SANTO PARQUE DA
PAZ E MONTE SANTO EM CAMPINA GRANDE (PB)**

EDNALVA COSTA PEREIRA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande - PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dr^a. Marinalva Vilar

**CAMPINA GRANDE - PB
2015**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

EDINALVA COSTA PEREIRA

**HISTORIA DA MORTE: SOBRE O MORRER E SUAS REPRESENTAÇÕES
SIMBÓLICAS E ARQUITETÔNICAS**

Monografia Avaliada em / / 12/ 2015

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª Dra. Marinalva Vilar de Lima

Profª Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Profª. Dra. Eronildes Câmara de Araujo

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais José e Maria meu
esposo Welinton e a todos os meus irmãos.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois acredito que sua energia emanada em nossas vidas transforma o homem em todos os sentidos e sem seu direcionamento eu não teria chegado ao término do curso de História.

A minha família, minha mãe Maria, meu pai José, meus irmãos e irmãs pelo carinho e confiança que sempre acreditaram na minha capacidade acadêmica e nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

Em especial, quero agradecer a minha irmã Elizângela e meu esposo Weliton que sempre estiveram ao meu lado nessa caminhada me incentivando a continuar.

Agradeço também, aos meus muitos professores do curso, que foram de grande importância na construção do meu conhecimento, sem a ajuda deles não seria possível o término deste trabalho.

Enfim, agradeço, principalmente as professoras Nilda Câmara e Regina Nascimento que aceitaram meu convite para participar da banca para concluir minha Licenciatura em História.

RESUMO

O foco central dessa pesquisa deleita-se na análise das representações simbólicas, sociais e culturais presentes na arquitetura dos cemitérios Campo Santo Parque da Paz e do Monte Santo em Campina Grande, entre os anos de 1960-2010. Pensando os elementos arquitetônicos dos cemitérios: Monte Santo e Campo Santo Parque da Paz, localizados na cidade de Campina Grande (PB). A pesquisa foi realizada a partir de visitação às localidades, consulta à documentação oficial que institui os cemitérios e análise das imagens fotográficas. O recorte temporal adotado foi o de entre 1960 a 2010. As análises das imagens fotográficas dos túmulos e a visitação que fizemos aos mesmos nos possibilitou pensar sobre os aspectos de diferenciação social que estão dispostos na lógica arquitetônica que estrutura o espaço dos cemitérios, nos levando a perceber que mesmo no “contexto” da morte vão prevalecer elementos de (in)distinção social. Nesse sentido, fizemos uma análise diferencial e social acerca dos túmulos dos dois cemitérios e, também, mostramos a existência de diferenças sociais entre um e outro espaço.

Palavras-Chave: Morte; Cemitério; Arquitetura tumular; Fotografias; Representações.

ABSTRACT

The central focus of this research delves into the analysis of the symbolic, social and cultural representations present in the architecture of cemeteries Campo Santo Parque da Paz and Monte Santo in Campina Grande, by the years from 1960 to 2010 and its architectural elements of the cemeteries. The survey was conducted from visiting the locations, refers to the official documentation establishing cemeteries and analysis of photographic images. The adopted time frame was from 1960 to 2010. The analysis of photographic images of tombs and the visit we made to them enabled us to think about the aspects of social differentiation which appear on the architectural logic that structures the space of the cemeteries, taking us to realize that even in the "context" of death will prevail elements of (in) social distinction. In this sense, we made a difference and social analysis on the tombs of two cemeteries and also show the existence of social differences between one and other space.

Keywords: Death; Cemetery; Tomb architecture; Photographs; Representations.

EPÍGRAFE

*"A morte deveria ser assim:
Um céu que pouco a pouco anoitecesse,
e a gente nem soubesse que era o fim..."*

Mario Quintana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	12
1- HISTÓRIA E MORTE	12
2- SEPULTAMENTO NO BRASIL COLONIAL	17
CAPÍTULO II	19
1. ARQUITETURA CEMITERAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS	19
2- ANÁLISE ARQUITETÔNICA DO CEMITÉRIO CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ...20	
3- ANÁLISE ARQUITETÔNICA DO CEMITÉRIO DO MONTE SANTO	22
3.1- O MONTE SANTO E SEUS ILUSTRES.....	23
3.2- IMAGENS REPRESENTATIVAS DA ARQUITETURA DO MONTE SANTO	23
3.3- AS DIFERENÇAS SOCIAIS LATENTES NO MONTE SANTO.....	25
4- ICNOGRAFIA CEMITERAL	26
5- SIGNOS CEMITERAIS	28
5.1.1- Signos Antropomorfos.....	28
5.1.2- Signos Zoomorfos	29
5.1.3- Signos de Nobreza e Distinção Social.....	29
5.1.4- Objetos.....	29
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

A morte é um tema que sempre gera medo, tabu, curiosidade e espanto por se tratar de um lado obscuro relacionado ao fim da vida. O presente estudo é bastante relevante no sentido de servir de fonte para demais pesquisas acerca do assunto abordado, saliente-se, todavia, que contribuirá como fonte para futuros pesquisadores ao trabalhar com o assunto, que hodiernamente é tão pouco explorado na contemporaneidade.

A temática em estudo surgiu em meados do curso de História, ao ouvir de uma discente da instituição o fato de que, antigamente, a muitos dos sepultamentos, eram realizados no interior das igrejas até o século XIV, posto que, até o século em destaque havia cemitérios apenas para negros e escravos. Dando início a pesquisa, ao analisar o tema em livros, em buscas pela internet e na biblioteca da universidade, notadamente, houve a percepção de que o assunto não havia sido ainda, muito explorado, devido a pouco material produzido encontrado.

O tema central narrado nesta pesquisa História da morte tem por temática o morrer e suas representações simbólicas e arquitetônicas, cujo propósito será fazer uma discussão a cerca da história da morte no período compreendido entre os anos de 1920-2014 em dois cemitérios da cidade de Campina Grande, o recorte temporal foi escolhido porque os cemitérios em estudo são recentes,

Busca-se analisar elementos arquitetônicos, problematizar e explorar as diferenças culturais e sociais do cemitério Nossa Senhora do Carmo, gerenciado pelo setor público, mais conhecido como Monte Santo, referenciando o bairro em que está localizado, e outro cemitério, este privado, o Campo Santo- Parque da Paz, a pesquisa fará uma abordagem a cerca de imagens que representam o morrer, com destaque para fotografias, imagens de esculturas, símbolos arquitetônicos que representam a passagem da vida para a morte.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de “HISTÓRIA E MORTE”, pretende-se realizar uma discussão acerca da morte dentro da historiografia fornecendo uma explanação concernente ao tema. Mostrando assim a história da morte em diferentes concepções e pontos de vista, levando em consideração o pensamento de alguns estudiosos contemporâneos sobre o assunto em tela.

O segundo capítulo nomeado de “ARQUITETURA CEMITERAL SOCIAL SOBRE A MORTE”, fará uma discussão acerca das diferenças e semelhanças arquitetônicas dos dois

cemitérios explorados na pesquisa, problematizando as representações sociais e culturais construídas entre 1920-2014, fazendo-se, ainda, uma análise de imagens que representam a morte, com destaque para fotografias, imagens de esculturas, símbolos arquitetônicos.

As amostras colhidas nos dois cemitérios serão evidenciadas de forma a mostrar como diversos estratos sociais lidavam com a morte a partir da iconografia cemiteral. Para tanto, serão utilizadas fontes, fotografias policromadas, inscrições tumulares, imagens (santos, anjos e outras), constituição arquitetônica do cemitério e dos túmulos.

Para embasar a pesquisa serão utilizados como fontes artigos produzidos por estudantes e professores de instituições de relevância no país, autores importantes na historiografia, a exemplo de João José Reis (1999) e Filipe Ariès (2003). Fundamentar o conceito de representação, a pesquisa terá como autor o teórico Roger Chartier (2002), bem como, periódicos do Jornal local e fotografias recentes tiradas em visitas aos cemitérios em estudo e imagens da época.

CAPÍTULO I

1- HISTÓRIA E MORTE

A sepultura é um bom lugar privado. Mas nela, creio, ninguém é amado (ELIAS, P. 30)

A temática sobre a morte traz indagações diversas e importantes questionamentos sobre a vida e, também, sobre a história e organização cultural de um povo. São fundamentais para a história da morte suas representações simbólicas e arquitetônicas. Nesse sentido, levando em consideração a história da morte, as comunidades organizadas desperta interesse não somente, em lidar com a perspectiva mediante a morte, aspectos psicológicos, como também, com o ritual fúnebre e sua representação cultural e social.

Neste estudo, dois cemitérios são especificados para o estudo dos aspectos arquitetônicos e, também, para ilustrar as representações simbólicas dos cemitérios campinenses, de forma que possibilite a compreensão das diferenças na ordem econômica, cultural e social em face de representação nos contextos específicos.

A morte é um fenômeno natural, porém, a nossa cultura na contemporaneidade afasta cada vez mais a sua presença. A morte hoje é silenciada e escondida, pelo fato de que uma nova visão de morte mostrada foi formada recentemente. Essa mudança se deu a partir do século XIX. Nesse sentido com o aumento da perspectiva de vida, houve um distanciamento entre vivos e mortos.

Na contemporaneidade o moribundo era levado aos hospitais para morrer longe de casa, pois a natureza humana não permitia que a morte esteja tão próxima de si e o fato de afastar o doente de casa prova que é preciso um distanciamento cada vez maior da morte. Diante do fato e do comportamento das pessoas, tanto por parte do moribundo quanto dos seus familiares, trazia implicações psicológicas e sociais, além de culturais.

Para Roger Chartier as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender as construções pelos quais um grupo impõe, ou até tenta como forma de imposição, a sua visão de mundo social e seus valores culturais. Para apoiar tais motivos, o autor mostra que devemos idealizar como simbólicos os signos, os atos, os objetos, as figuras intelectuais e/ou as representações coletivas. No entanto, vendo a forma simbólica de acordo com o crítico, que

seriam todas as classes e todos os métodos que constroem o mundo como representação, daí pode depreender que o conceito de símbolo é a extensão máxima do conceito de representação, em um sentido mais particular e também, historicamente mais determinado. A morte é representada através de símbolos, como cruzes, imagens bíblicas, santos, anjos, etc., visivelmente percebidas nos cemitérios visitados e analisados.

Chartier (2002) observa que conceito de representação pode ser explicado de duas formas: de um lado a representação distante e radical entre aquilo que representa e o que é representado, e por outro lado a representação como exibição de uma presença, como a apresentação pública de algo ou alguém.

O conceito aqui observado, segundo Chartier¹ é:

A representação é instrumento de conhecimento mediato, que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de o figurar tal como ele é. (...) é necessário inscrever a importância crescente adquirida pelas lutas de representações onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social. (...) a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido constitutivo da sua identidade. (CHARTIER, 2002, p. 20-23)

Diante da citação é notório observar, no que tange a história, que nos elementos arquitetônicos dos cemitérios Monte Santo e Campo Santo, nota-se, certa hierarquia em suas arquiteturas tumulares, e “a relação de representação entendida, desse modo, como relacionamento de uma imagem presente é de um objeto ausente” (CHARTIER, 2002, p. 21).

Percebe-se facilmente a diferença entre ambos e também entre túmulos do mesmo cemitério no Monte Santo, por exemplo, foram observados jazigos com grandes ornamentos e detalhes que contrastam com túmulos simples, em muitos deles não tem ao menos a identificação do morto, nesse sentido, fica evidente a posição social da família do morto.

A história da morte no Ocidente remete-se a Philippe Ariès na obra *Historia da Morte no ocidente: ritos fúnebres e revolta popular*². Nessa obra o autor descreve a morte no ocidente, tendo em vista que a relação do homem com a morte era encarada de forma aceitável, pois as pessoas não temiam a morte, por ter a certeza que iriam morrer, isso trazia uma aceitação diante desse fim inevitável. No entanto, o autor observa que houve uma grande diferença entre a relação do homem

¹ CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Ed 2. Difel; 2002.

² ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

diante da morte entre a Idade Média e os dias atuais.

Para Ariès a visita ao túmulo, o colocar flores, são ritos recentes, pois essa prática não existia na Idade Média pelo fato de a morte ser esperada e vivenciada com mais frequência. Nesse sentido, Philippe Ariès mostra que a atitude do homem diante da morte mudou muito ao longo dos séculos e que a forma como ela é hoje encarada é, na verdade, muito recente. Visto que na Idade Média, a morte era encarada de forma natural, normal.

Philippe Ariès em resumo sobre a morte escreve que, antigamente, a morte era uma tragédia – muitas vezes cômica - na qual se representava o papel daquele que vai morrer. Hoje, a morte é uma comédia – muitas vezes dramática – onde se representa o papel daquele que não sabe que vai morrer. (ARIÈS, 2003, P. 137).

A partir de 1930 a morte que até então era vista como esperada sem medo ou desespero do moribundo começou a ser encarada de uma forma fria. Ariès mostra que essa mudança deu-se devido ao avanço da medicina e com a medicalização e com o processo de higienização dos corpos a morte teve uma nova forma de ser vista. Nesse contexto, com as construções de hospitais, a pessoa a ser detectada com alguma enfermidade era transferida de sua casa, do convívio de seus parentes, para ser cuidada nos hospitais (locais frios e sombrios) ou morrer longe de seus parentes.

Ariès também aborda em sua obra os cemitérios e túmulos, fazendo uma relação com os dias atuais. Para o autor, “o cemitério é o inverso da cidade, é o signo da solidariedade dos vivos, o ponto alto do patriotismo. (...) é o lugar destinado ao recolhimento e ao pensamento dos mortos prorrogando-os na lembrança” (ARIES, p. 201).

Dentro da mesma perspectiva, é observada também, a questão dos túmulos, mostrando que no século XIX a ornamentação do túmulo, na maioria das vezes, era feita para atender o desejo do defunto, visto que alguns indivíduos testamentavam a forma que deveriam ser seus túmulos e a forma que deveriam ser ornamentados.

A revista Ciência Hoje (2009) aborda a questão dos túmulos e cemitérios no Brasil, mostrando que cemitério é descrito como “Cova; local onde alguém é enterrado: cemitério é lugar de túmulos. Jazigo; edificação, ou monumento, construído sobre essa cova em memória da pessoa que nela foi enterrada.” No cemitério, de acordo com a revista Ciência Hoje, foi somente a partir do século XVIII que a palavra cemitério começou a ter sentido atual devido o processo de higienização. Segundo a revista o termo cemitério significa:

(...) – terrenos destinados apenas ao sepultamento dos mortos – teriam sido implantados pelos primeiros cristãos. As palavras ‘cemitério’ e ‘necrópole’ têm

origem grega. A primeira vem de koumetèrian (que significa ‘dormitório’), enquanto necrópole deriva de necrópolis (‘cidade da morte’ ou ‘cidade dos mortos’) (CIÊNCIA HOJE, P. 2).

Dentro da mesma perspectiva de morte, Nobert Elias (1982) o livro *A Solidão dos Moribundos*³ faz uma análise mais precisa sobre o tema no que se refere às atitudes sociais diante da morte e do morrer no Brasil. No que se refere à morte, Elias comenta: “a morte não é terrível, passa-se ao sono e o mundo desaparece, mas o que pode ser terrível na atualidade é a dor dos moribundos, bem como a perda de uma pessoa querida sofrida pelos vivos” (ELIAS, 2004, p. 76).

A morte para Elias pode ser vista e teoricamente evitada de diversas formas, seja pela mitologia, pela a crença, pela a ideia de encobrimento do morrer, ou seja, não pensar sobre o assunto, torna-se mais agradável o morrer que é inevitável para todo ser vivente: “Talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério” (ELIAS, p. 77). Nesse sentido cabe afirmar que não é a própria morte que desperta temor, mas sim a imagem idealizada antecipadamente da morte na consciência dos vivos.

Sobre a imagem idealizadora da morte Elias comenta:

Na verdade não é a morte, mais o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos. Não devemos nos enganar: a mosca presa entre os dedos de uma pessoa luta tão convulsivamente quanto um ser humano entre as garras de um assassino, como se soubesse do perigo que corre. Mas os movimentos defensivos da mosca quando em perigo mortal, são um dom não aprendido de sua espécie. Uma mãe macaca pode carregar sua cria morta durante certo tempo antes de largá-la em algum lugar e perde-la. Nada sabe da morte, de sua cria onde sua própria. Os seres humanos sabem, e assim a morte se torna um problema pra eles (ELIAS, 2004, p 11).

Nesse sentido, o homem tem receio da morte por saber que ela existe e que, certamente, um dia irá morrer, pois já a tem idealizada em seu psicológico, diferentemente de outros animais que não sabem que a morte existe e que consequentemente irão morrer um dia, nesse sentido não há um sofrimento com antecedência, nem uma preocupação em adiá-la.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Elias, REIS⁴ ao estudar sobre a história da morte no Brasil, traz informações importantes acerca da morte na segunda metade do século XIX.

³ ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴ REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 14.

Em seu estudo sobre a temática estudada o autor mostra com detalhes as transformações culturais e religiosas no estado da Bahia ao surgir o primeiro cemitério chamado Campo Santo. Diante desse fato, os cemitérios surgiram porque as pessoas eram enterradas nas igrejas e, essa prática estava fazendo com que houvesse fortes e desagradáveis odores no interior das igrejas.

É importante lembrar que não se sabe se existia esse tipo de odor ou se foi sendo desenvolvida uma sensibilidade aos odores que antes eram aceitos devido à decomposição dos corpos e por não haver uma profundidade adequada dos túmulos nas igrejas. E como o país estava passando por um processo de higienização dos corpos, oriunda da Europa produzida por médicos franceses, surgiu uma lei que determinava o local, a distância do centro da cidade, o tamanho do túmulo, profundidade onde seria construído o primeiro cemitério no estado da Bahia e consequentemente, para todo o país.

O ciclo de epidemias surgidas no Brasil em meados do século XIX e a nova política higienista que tendia medicar as moléstias das cidades trouxeram, como uma das maiores modificações, o sepultamento dos mortos em locais próprios e afastados dos centros urbanos, onde o poder público pudesse controlar e dominar os acontecimentos. Sendo assim, o espaço mortuário se tornou então, um local demarcado, compondo-se de muros e portões, e cuidadosamente divididos em aldeias ou quadras, de modo a facilitar a vigilância e o controle desses espaços.

Nesse sentido, a circulação de pessoas nos cemitérios ficou definida, cada sepultura contava com um número de identificação, além dos nomes e datas dos mortos, o que individualiza cada um dentro do conjunto. No entanto os cemitérios passam a ter horários para abrir e fechar, e, portanto um rigoroso controle da relação entre vivos e mortos.

Até o século XIX Os cemitérios que já existiam no Brasil eram destinados apenas para enterrar os negros e escravos e não havia por parte das autoridades uma preocupação com o local e como eram produzidos esses cemitérios, talvez pelo fato de ser, ainda em pequeno número, ou seja, eram poucos cemitérios que existiam no país com essa característica, ou até por acreditarem que ao serem enterrados nestes cemitérios não havia a purificação divina da alma.

Reis observa no primeiro capítulo que houve revoltas da população acerca da lei para mostrar a grandiosidade da Revolta da Cemiterada ocorrida na Bahia em 25 de outubro no de 1836. E sobre o episódio histórico mencionado comenta Reis:

O episódio “que” (grifo nosso) ficou conhecido como Cemiterada, ocorreu em 25 de outubro no de 1836. No dia seguido entraria em vigor uma lei que proibia o tradicional enterro nas igrejas (...) a Cemiterada começou uma manifestação de

protestos comandados pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador, “e” (grifo meu) organizações católicas leigas, (...) que cuidavam dos funerais dos seus membros. (REIS, 1999, p. 14)

A lei proibia que o interior das igrejas brasileiras continuasse a ser usado como cemitério, cumprindo uma antiga determinação feita por meio de uma Carta Régia de 1801. Nota-se, portanto, que houve uma manifestação de populares contra esse episódio. Esse fato se deu porque houve uma ruptura no cotidiano das pessoas, pois era do senso comum acreditar que enterrando o morto dentro ou perto das igrejas a morte teria um vínculo com o vivo. A ruptura se deu no instante em que as pessoas, que dantes sepultavam seus entes queridos nas igrejas, a partir de agora teriam que enterrar seus parentes e amigos em cemitérios longe das igrejas e também do centro da cidade.

Ao falar sobre a hora da morte e de formas de bem morrer, Reis coloca que o principal, no tocante ao bem morrer, seria preparar-se para esse momento. Essa preparação se resumia a resolver pendências em vida como pagar dívidas, garantir a segurança financeira de seus dependentes e contar com o apoio de confrarias dos quais eram sócios.

No tocante aos ritos fúnebres e domésticos o autor nos apresenta as cerimônias e a simbologia que envolvia a morte, cerimônias que eram produzidas para promover uma boa viagem ao morto para o outro mundo e todos os passos deveriam ser seguidos para preparar o morto para o funeral.

2- SEPULTAMENTO NO BRASIL COLONIAL

Reis faz uma comparação do modo de enterrar seus entes queridos no Brasil colonial com os rituais africanos e a adesão de valores culturais trazidos da África, não só elementos africanos como também influências europeias como portuguesas, nos rituais fúnebres brasileiros, ambos tinham a ideia de que o indivíduo deveria se preparar para a morte.

Essa preparação estará contida, no que o autor chama de formas de “bem morrer” que seriam as atitudes diante da morte, que estariam ligadas a todas as vontades e desejos do defunto como a escolha do local do seu sepultamento. A concepção de uma boa morte foi amplamente difundida durante o período colonial brasileiro.

Ao tratar sobre a morte como espetáculo, os antigos cortejos fúnebres mostram uma verdadeira espetacularização dos funerais, que tal como uma festa a sociedade tecia suas solidariedades e marcava seus distanciamentos.

A prática de ostentação era uma forma de exibição de poder. “As famílias enlutadas faziam desses enterros uma oportunidade de demonstrar seu prestígio, proporcionando aos convidados um espetáculo fúnebre equivalente, ou se possível superior a sua posição social”. (REIS; p. 159). Nota-se, portanto, que os temas fúnebres ocupavam lugar de destaque no imaginário da Bahia naquele período. Durante a narrativa do livro REIS é mostrado relatos de pessoas que viviam na época sobre esses funerais, voltando assim para a construção de memórias.

O autor, também, cita Câmara Cascudo, pesquisador do folclore e da etnografia no Brasil e reconhecido como um dos pilares da construção da identidade brasileira e Debret em suas pinturas retratando com eram esse funerais, os modelos dos caixões que era usado por brancos e negros e todo cortejo.

Enfim, o capítulo mostrou uma breve explanação acerca da historiografia da morte, e para fundamentar o conceito de representação dentro da história da morte, foi estudado o conceito de representação de Roger Chartier. Phillipe Ariès foi utilizado para falar a cerca da história da morte no acidente, mostrando, como era vista e encarada a morte pela a população antes do processo de higienização.

Em seguida foi feita uma abordagem sobre a história da morte no Brasil com João José Reis mostrando à importância histórica de se estudar a morte para dá embasamento teórico a pesquisa, no que se refere à mudança e a construção dos cemitérios no Brasil no século XIX. Dando continuidade à pesquisa foi utilizado, também, o autor Nöbert Elias para mostrar de forma detalhada a história da morte no Brasil dentro da mesma perspectiva histórica de João José Reis.

CAPÍTULO II

1. ARQUITETURA CEMITERAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

Neste segundo capítulo pretende-se analisar os elementos arquitetônicos nos cemitérios do Monte Santo e Campo Santo Parque da Paz no período que vai de 1920 a 2014 na cidade de Campina Grande (PB) ambos situados na zona urbana ao demonstrando as diferenças entre os túmulos mais suntuosos em contraste com os túmulos simples.

A pesquisa de campo feita nos cemitérios acima citados mostra que o cemitério pode ser considerado a segunda morada do homem, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão ou de uma rua, de uma vila ou até mesmo de uma cidade. São nos cemitérios que se repetem os elementos arquitetônicos e paisagísticos presentes nas próprias cidades.

Os cemitérios podem ser explorados não somente pela sua beleza, como também, pela espiritualidade religião, ideais filosóficos, dentre outros aspectos, o que talvez venha inclusive, a clarear a concepção da própria relação política entre grupos.

É importante ressaltar, que a história da morte sofreu diversas transformações com o passar dos tempos, até alcançar a contemporaneidade, no que se refere à maneira de como as pessoas veem esse momento inevitável com a morte, os elementos arquitetônicos vêm se modificando e os cemitérios passam também, por essa mudança.

Quanto ao seu valor histórico, considera-se que são nesses espaços que repousam os restos mortais de pessoas, sejam socialmente ilustres ou não, que contribuíram de certa forma, para a história da humanidade, mesmo que essa contribuição tenha sido somente para os seus entes queridos.

Os cemitérios são espaços de memória, onde as lápides registram dados importantes para a história – datas, nomes e epitáfios, etc. Para Lima⁵ (1994, p. 90) “em cada sepultura há números, nomes e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social [...]”. A ideia de que as sepulturas e os

⁵ LIMA, Tânia de Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação a morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social)**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p.87-150, jan./dez., 1994.

cemitérios são cheios de recordações e são muito importantes para o homem, pois são sem dúvida alguma, espaços carregados de história e memória.

Desta feita, entende-se por túmulo todo monumento erigido em homenagem ao morto sobre a sua sepultura ou como sepultura, seja um mausoléu, uma capela ou uma simples construção que indique o sepultamento.

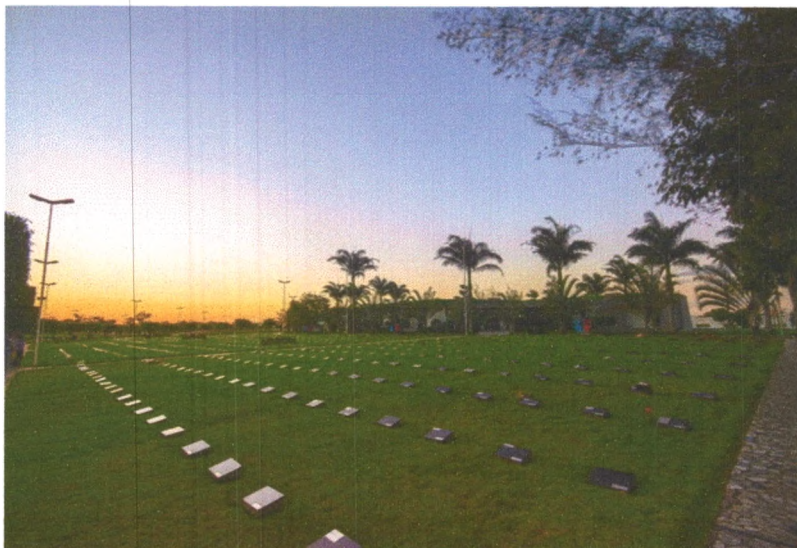
2- ANÁLISE ARQUITETÔNICA DO CEMITÉRIO CAMPO SANTO PARQUE DA PAZ

Conhecido como Cemitério Jardim ou Cemitério Parque, o cemitério Campo Santo Parque da Paz está situado na Rua Assis Chateaubriand, 5460, Bairro do Velame, na cidade Campina Grande (PB), oferecendo amplo espaço físico com amplas e modernas salas de espera, de velório, crematório, salas íntimas, enfermaria, floricultura, estacionamento privado e segurança 24 horas. A imagem abaixo mostra a suntuosa entrada do Cemitério Campo Santo Parque da Paz⁶:



Portanto, do ponto de vista arquitetônico, acerca dos elementos tumulares, o cemitério tem como diferencial um padrão para todos os túmulos, o que diferencia um túmulo do outro são apenas as informações pessoais do morto, pois todos os túmulos são encobertos com uma pedra de mármore e ao seu redor muita grama, conforme a imagem abaixo, fazendo com o espaço se torne mais agradável de visitar e enterrar seus entes queridos.

⁶ Imagem da fachada do cemitério Parque Santo Campo da Paz: disponível em <http://www.camposantoparquedapaz.com.br/Estrutura.aspx> aceso 27/05/2015



Na imagem acima é notável túmulos padronizados e o cemitério em forma de jardim. Ao lado de cada pedra de mármore tem o gramado verde e bem cuidado. Nos túmulos não há signos como cruzes, anjos, flores santos etc. São visíveis, sem necessariamente aprofundar a pesquisa que sua estrutura é bela e confortável.

A sua arquitetura impressiona em seu espaço total, tudo muito bem arquitetado para impressionar os interessados em adquirir um túmulo em seu interior para depositar os restos mortais de seus entes amados. Conforme observa-se na imagem a seguir⁷:



É importante ressaltar que o cemitério tem um diferencial muito interessante, nos velórios em vez do silêncio sepulcral inerente de todo velório, nele há musica clássica sendo tocada enquanto está ocorrendo o cortejo para enterrar o morto.

⁷As imagens acima representam a parte estrutural do cemitério Campo Santo Parque da Paz, Disponível em: <http://www.camposantoparquedapaz.com.br/> . Acesso em 10/06/2015

Na imagem acima nota-se uma parte da estrutura do cemitério, para mostrar o quanto é sofisticado e agradável do ponto de vista arquitetônico do local e de sua estrutura, as palmeiras dão a impressão de aconchego ao ambiente que é possível até esquecer que seja um cemitério, local de enterrar os mortos.

3- ANÁLISE ARQUITETÔNICA DO CEMITÉRIO DO MONTE SANTO

O segundo cemitério a ser analisado é o cemitério Nossa Senhora do Carmo, conhecido como cemitério do Monte Santo de Campina Grande. Está situado no bairro do Monte Santo, na Rua Olegário Maciel, s/n. É considerado o cemitério mais tradicional de Campina Grande e também é o maior da cidade. A imagem abaixo mostra a entrada do Monte Santo⁸:



Logo na entrada do cemitério, observam-se palmeiras imperiais, que dá beleza e receptividade a entrada do cemitério. Sua fundação ocorreu ainda no século XIX. Segundo o escritor campinense Elpídio de Almeida em seu livro “Historia de Campina Grande” o cemitério Nossa Senhora do Carmo teria sido construído entre 1899 e 1900, durante a gestão do prefeito João Lourenço Porto.

No cemitério em questão, é notória a quantidade de fatos históricos em seu interior, são mais de 100 anos de historia que o Monte Santo guarda e cumpre o seu papel de lugar e resignação, despedida, dor e saudade.

⁸A fotografia acima é da fachada do cemitério Monte Santo disponível em <http://sesuma.org.br/ceimiterio-de-nossa-senhora-do-carmo-monte-santo/> acesso 27/05/2015.

3.1- O MONTE SANTO E SEUS ILUSTRES

Nesse cemitério há inúmeras autoridades públicas e religiosas sepultadas entre as palmeiras imperiais que formam um corredor na entrada principal do cemitério, dentre as quais, o visitante reparará, à esquerda, um túmulo que guarda os restos mortais de vários membros da família Figueiredo.

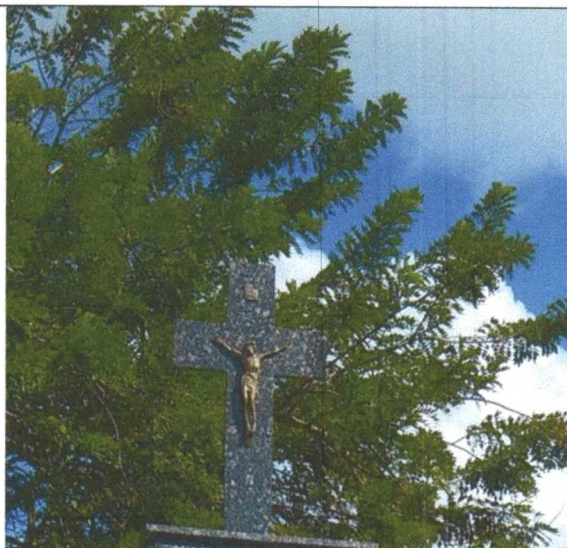
Mais à adiante, à direita, encontra-se, o mausoléu onde está sepultado o homem que por mais tempo governou Campina Grande, o dinamarquês Cristiano Lauritzen, morto em 1923. Também se encontra enterrados o major Veneziano, seu filho, o jurista Antônio Vital do Rêgo. O ex-governador Ronaldo Cunha Lima, Félix de Sousa Araújo, o historiador Irineu Joffily, e Raymundo Asfora.

Sobre o bonito jazigo feito de mármore e granito, a sombra de uma árvore torna o local convidativo para o descanso. Também lá, se encontra a memória de personagens históricos da história, como o ator, compositor e radialista Rosil Cavalcanti, e João Vieira da Silva, o "João Carga D água", principal líder do início da revolta do "Quebra Quilos", de 1874, e o cangaceiro Antônio Silvino "Lampião".

3.2- IMAGENS REPRESENTATIVAS DA ARQUITETURA DO MONTE SANTO

Durante a visita ao cemitério Monte Santo, ocorrido no mês de maio de 2015, nota-se claramente túmulos incríveis com temas sofisticados e variados: a exemplo de capelas dos mais diversos estilos arquitetônicos, encontra-se, também figuras sacras em expressão de dor e lamento, representando cenas da Pregação de Cristo, de seu Calvário, da Crucificação, a descida da Cruz e da Ascensão; anjos com expressões plácidas, ingênuas, lânguidas ou enigmáticas; imagens profanas e mitológicas; símbolos pagãos e exóticos e claro, a representação da figura feminina.

Alguns desses exemplos estão nas imagens citadas na tabela abaixo que representam a morte em forma de cruz e santos, anjos e mensagens bíblicas.



Fonte: Imagem feita de tumulo durante a visita ao cemitério Monte Santo



Fonte: Imagem feita de tumulo durante a visita ao cemitério Monte Santo



Fonte: Imagem feita de Tumulo durante a visita ao cemitério Monte Santo



Fonte: Imagem feita de tumulo durante a visita ao cemitério Monte Santo.

Ao observar as fotografias acima, nota-se que o cemitério é um lugar de sepultamento, além do mais, é um espaço construído socialmente e podem ser vistos como um ambiente de práticas sociais que traduzem suas próprias leituras.

Nas imagens acima (cruz, santo, anjo e mensagens bíblicas) retiradas de túmulos do cemitério do Monte Santo nota-se claramente a presença da religiosidade existente nas famílias das pessoas que ali se encontram enterradas, como forma de proximidade com a igreja, ou talvez pelo

fato de acreditarem que os símbolos mostram de certa forma, a entrada do morto no paraíso, ao lado de Deus, ou então como forma de beleza e sofisticação dos túmulos.

Ao observar as paisagens históricas do Monte Santo, o nosso pensamento desloca, não apenas para o patrimônio arquitetônico, mas para os valores, tradições, modos de viver, conflitos e tensões, processo de enraizamento, para o conjunto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas neles contidos pelo fato de acreditarem que os símbolos simbolizam, de certa forma, a entrada do morto no paraíso, ao lado de Deus, ou então como forma de beleza e sofisticação dos túmulos suntuosos e belos.

Os lugares de sepultamento são espaços construídos socialmente e podem ser vistos como lugares de práticas sociais que traduzem leituras sociais. Neles, a religiosidade perceptível como um recurso simbólico recorrente na significação cultural.

3.3- AS DIFERENÇAS SOCIAIS LATENTES NO MONTE SANTO

Pra ilustrar, tomamos por base dois exemplos da arquitetura presente no Monte Santo. Um exemplo claro dessa diferença social, cultural e principalmente econômica visto no cemitério do Monte Santo. A imagem abaixo mostra um tumulo simples, sem ornamentos, mármore, ou flores sem ao menos a identificação do morto na cruz. Nota-se claramente que sua arquitetura está bem deteriorada com o tempo e também por falta de cuidado por parte dos familiares do morto.



Túmulo sem identificação Fonte: arquivo do autor

Por outro lado, a imagem mostra a diferença econômica presente no Jazigo da família José Admoeste Roberto, uma belíssima sepultura, que chama a atenção dos visitantes, com sua

estrutura toda de vidro seu formato em forma de triângulo e a cor do mármore que muito chama atenção, sendo um tumulo lindo e muito sofisticado, assim sendo, é publico e plausível a condição social e econômica do morto.



Fonte: arquivo do autor

Questionamentos como: Quem somos? Para onde iremos? Surge em nossas mentes ao nos depararmos com os elementos arquitetônicos dos cemitérios, sejam belos e conservados, sejam abandonados e sujos. A ideia de que é pra lá que iremos, nos faz refletir acerca da vida na terra e nossa passagem tão rápida.

4- ICNOGRAFIA CEMITERAL⁹

O cemitério é mais do que uma instituição responsável por catalogar e receber os restos mortais humanos. Compreende um espaço sagrado em que acontecem manifestações socioculturais múltiplas, um dos lugares no qual o homem se relaciona com o sobrenatural, também pode ser considerado um local que nos questiona sobre qual é o sentido da nossa existência.

No entanto, o cemitério é a terra dos antepassados, local onde o passado e presente se chocam, as memórias afloram e as lágrimas percorrem, sendo assim o campo das orações de muitos

⁹ As fotografias foram tiradas também no dia 29/04/2015 na visita pelo autor desta pesquisa no cemitério do Monte Santo

indivíduos ainda em vida. Os elementos arquitetônicos presentes no cemitério Monte Santo expressam nossa identidade e camada social, pois os túmulos são verdadeiros monumentos simbólicos indissociáveis do período e das sociedades que os produziram.

A noção de “Patrimônio Histórico” deveria evocar a estas grandezas múltiplas da cultura como imagens de passado vivo. Acontecimentos e coisas merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade. Nota-se, portanto que a organização espacial dos Cemitérios é parecida a um bairro, que contem em seu espaço físico quadras, ruas, construções etc., e estão carregados de semelhanças e diferenças presentes nas cidades dos vivos.

As fotografias representando os mortos, exemplificadas nas imagens retrocitadas, tiradas em visita ao cemitério são dos túmulos das famílias Alves de oliveira e da família Mamede Machado que repousam no cemitério do Monte Santo.



Fonte: arquivo do autor

É evidente a postura elegante e feliz do morto, ao observar suas vestimentas e os detalhes minuciosos da lapide, nesse sentido é visível a classe social do falecido. Nota-se, no entanto, uma fotografia recente, pelo seu aspecto de cores e luzes visivelmente perceptível.

Na segunda fotografia percebe-se que de forma observadora, as fotografias dos mortos mostram olhar serio, na maioria das imagens. Percebe-se, também a questão da classe burguesa devido à elegância dos falecidos representados abaixo na fotografia destaque.



Fonte: arquivo do autor

A ideia de colocar a foto relembrando o morto quando vivo, é uma forma do parente ao visitar o túmulo, veja seu ente querido e traga consigo boas lembranças enquanto vivia.

5- SIGNOS CEMITERAIS¹⁰

No cemitério Monte Santo, além de fotografias para mostrar a arte e a arquitetura do local, também foi observado e analisado para embasar a veracidade da pesquisa aspectos relevantes no seu interior, como os signos e seus significados que facilmente encontra-se nos cemitérios. Os signos pesquisados foram: 1) Signos Antropomorfos; 2) Signos Zoomorfos; 3) Signos de Nobreza e Distinção Social e 4) Objetos.

5.1.1- Signos Antropomorfos

I- Figura de anjo

¹⁰Significado de signo “aquilo que simboliza, representa, indica algo”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em Junho de 2015.

II- Figura de criança
III- Figura feminina
IV- Figura masculina
a) Em pé
b) Sentada
c) Ajoelhada
d) Mãos cruzadas sobre o peito
e) Com livro
f) Com cálice
g) Com trombeta

5.1.2- Signos Zoomorfos

I- Coruja
II- Pombo
a) Isolado
b) Em cruz

5.1.3- Signos de Nobreza e Distinção Social

I- Brasão
II- Coroa
III- Título/comenda
IV- Arma

5.1.4- Objetos

I- Urna
II- Cruz
III- Crucifixo
IV- Livro
V- Ampulheta

VI- Porta retrato

- a) Forma de vaso
- b) Isolado
- c) Com flor
- d) Com fita

Os signos citados acima se faz presente na maioria dos túmulos do cemitério do Monte santo, não tendo uma linearidade ou sequencia nos túmulos.

Os Signos Antropomorfos, por exemplo, são semelhantes ao ser humano quanto sua forma, e estão presentes na maioria dos túmulos do cemitério do Monte Santo, que é mostrado na primeira tabela 4.1.1.

Ainda na lapela dos signos antropomorfos, as imagens do Cristo de corpo inteiro, ajoelhado ou no pastoreio com bastão alado e ovelhas destacam em mármore pretos, extremamente polidos. A imagem do “Bom Pastor” é a representação de Cristo como o dedicado pastor de suas ovelhas, o que por certo cuidaria de um ali existente.

Na tabela 4.1.2 é mostrado alguns exemplos de signos Zoomorfos, os que têm a forma de animal, também se fazem presentes no Cemitério em estudo, podendo-se apontar visualizar pombos, corujas, etc.

Na tabela 4.1.3 são colocados como exemplos os Signos de Nobreza ou Distinção Social se faz presente em alguns túmulos do cemitério do Monte.

Na tabela 4.1.4 são mostrados os signos Objetos como livro, forma de vaso, flor, fita, etc. Interessante ressaltar que estes objetos são vistos com frequência em quase todos os túmulos, independente de sua classe social.

A análise acima mostra que em um mesmo ambiente podemos nos deparar com cemitérios com túmulos simples e suntuosos.

No primeiro cemitério analisado, o Campo Santo Parque das Paz é observada a padronização dos túmulos, tendo apenas uma pedra de mármore para representar o morto com as informações de seus dados pessoais escrito em pedra de mármore, de forma que isto é apenas o que diferencia um túmulo do outro. A arquitetura moderna e elegante do espaço que comporta o cemitério denota a condição social demonstrando o poder aquisitivo do morto.

No segundo cemitério, o Monte Santo, que é um cemitério público, foi analisada a arquitetura, a arte e a beleza de forma detalhada de alguns túmulos. Isto posto, a representação da morte é idealizada e vista no cemitério em questão.

É importante lembrar que no cemitério do Monte Santo por ser um cemitério público, foram encontrados túmulos suntuosos conforme foram apresentados nas fotografias analisadas, por outro lado, é interessante pensar na questão do poder aquisitivo representado no mesmo cemitério, em que no qual se vê jazigos altamente sofisticados contrastando com túmulos simples e humildes.

Verificou também a importância dos túmulos e como a questão da religiosidade está presente ao observar as fotografias que contam com uma série de mensagens religiosas, não somente a mensagens bíblicas, como também, signos como anjos, cruzes entre outros.

Portanto, o capítulo mostrou a representação da morte nos cemitérios de Campina Grande no sentido de mostrar a arte e a arquitetura vista nos túmulos dos cemitérios estudados.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia intentou acrescentar contribuições para História da Morte com foco na pesquisa de campo efetuada nos cemitérios Monte Santo e Campo Santo Parque da Paz em Campina Grande – PB, buscando analisar de forma minuciosa a questão da arquitetura de alguns túmulos nos cemitérios pesquisados, dando maior ênfase ao cemitério do Monte Santo e da arte nos cemitérios, com destaque para os túmulos e seus ornamentos singulares.

A temática, infelizmente, ainda carece de produções historiográficas sobre o assunto. Dessa forma, o trabalho vem justamente tentar preencher essa lacuna, no sentido de trazer contribuições e informações relevantes acerca da história da morte no Brasil.

A pesquisa analisou a morte no contexto histórico em que muitas vezes, é representada através de uma estatua de bronze ou outros símbolos arquitetônicos em túmulos. Sendo que a morte é encarada de forma mascarada com beleza sutileza para, quem sabe, encarar a questão do morrer de forma mais agradável.

No primeiro capítulo foi feita uma análise da morte tomando por base estudos de teóricos sobre o tema, assim sendo, a pesquisa fez uma breve explanação acerca da historiografia da morte, e para fundamentar o conceito de representação dentro da história da morte, foi estudado o conceito de representação de Roger Chartier mostrando como a morte pode ser vista nos cemitérios pesquisados, seja através de uma estatueta, seja através de um crucifixo. Phillipe Ariès foi utilizado para falar acerca da história da morte no Ocidente, mostrando, como era vista e encarada a morte pela população antes do processo de higienização surgido no século XIX.

Em seguida foi feita uma abordagem sobre a história da morte no Brasil, com base em João José Reis, o qual mostra a importância histórica de se estudar a morte, no sentido de embasar teoricamente a pesquisa, no que se refere à mudança e a construção dos cemitérios no Brasil no século XIX.

Dando continuidade à pesquisa foi recorrido, também, o autor Nöbert Elias para mostrar de forma detalhada a história da morte no Brasil dentro da mesma perspectiva de João José Reis. O capítulo também mostrou o significado de cemitério, retirado da revista Ciência Hoje. Enfim, o capítulo mostrou uma breve explanação acerca da historiografia da morte.

No segundo capítulo, a pesquisa buscou mostrar a representação da morte nos cemitérios de Campina Grande (PB) no sentido de mostrar a arte e a arquitetura vista nos túmulos dos cemitérios analisados.

O primeiro cemitério analisado observa-se a padronização dos túmulos com apenas uma pedra de mármore para representar o morto. A arquitetura moderna e elegante do espaço que comporta o cemitério o Parque Santo Campo da Paz, faz com que haja uma relação de classe social explícita no local.

No Monte Santo, segundo cemitério, foram analisados túmulos, arquitetura, arte e beleza. É importante lembrar que no cemitério do Monte Santo, verificando-se um contraste entre os túmulos suntuosos e os túmulos simples. É interessante pensar nessa questão de social representada no mesmo cemitério, jazigos altamente sofisticados contrastando com túmulos e humildes.

Verificou-se também, a importância dos túmulos e como a questão da religiosidade está presente ao observar as fotografias presentes nesse trabalho, que contam com uma série de mensagens religiosas, não somente mensagens bíblicas, como também os anjos, cruzes e etc., deixando clara a presença da igreja, ainda hoje, latente.

Enfim, conclui-se que entre os dois cemitérios, é visivelmente perceptível o distanciamento econômico e social. De um lado vê-se um cemitério que representa os públicos distintos e antagônicos, o popular, com suas particularidades sofisticadas ou não, e do outro, um cemitério que representa o ambiente, privado com sua arquitetura moderna.

Há, portanto, um aspectos arquitetônicos que permitem a observação do comportamento social face as escolhas consonante coma cultura e o poder aquisitivo das famílias e a influencia institucional da Igreja. No cemitério publico há diversos tipos de túmulos, desde o mais simples até o mais sofisticado e elegante, diferentemente do cemitério privado, sabendo que o que diferencia um túmulo do outro é apenas uma pedra de mármore coma identificação do morto, pois os jazigos são padronizados para dá mais beleza e sofisticação ao espaço cemital.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRA, Giscard Farias. **A Urbs Doente Medicada: A Higiene Construindo Campina G(G) Rande, 1877 a 1935**. Associação Nacional De História – Anpuh XXIV Simpósio Nacional De História – 2007.
- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BORGES, Maria Elízia; SANTANA, Marissol M.; BIANCO, Sabrina Del. **Arte funerária no Brasil: possibilidades de interagir nos programas de ensino, de pesquisa e de extensão na universidade**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 13. 2004, Brasília. [Anais eletrônicos...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. P. 192-200.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**: RJ: Zahar, 2008.
- CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade, NAPPI. Sérgio Castello Branco. **Cemitérios como fonte de pesquisa, de Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo educação patrimonial e de turismo**. Museologia E Patrimônio- v.2 n.2; 2009. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/60/73> acesso 15/08/2014.
- CHARTIER, Roger. **A nova história cultural existe?** In: PESSAVENTO, Sandra. História e linguagens. RJ: 7letras, 2006, pp. 29-44.
- _____. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Ed 2. Difel; 2002.
- CHAUÍ, Marilena. “Política cultural, cultura política e patrimônio histórico”. In: **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- Diário da Borborema de 27 de fevereiro de 2015.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FILHO, Leonel de Castro. **Cidade dos mortos ou lugar os vivos? Estudos das características das manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal**. Curitiba, 2007.

LIMA, Tânia de Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação a morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social)**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p.87-150, jan./dez., 1994.

MENEZES. Rachel Aisengart. **A Solidão dos Moribundos: Falando Abertamente sobre a Morte**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO. Pavúla Maria Sales. **Jazigos e covas rasas: o cotidiano da morte na Paraíba – 1800-1856**. Campina Grande – PB. 2006.

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, **Olívia** Cristina Ferreira. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. In: Revista do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Disponível em: <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere/article/view/682>. Acesso em Outubro de 2015.

QUEIROZ. Cíntia Marques. LOPES. Michelly de Lourdes. **Cemitérios Uberlandenses, Simbolismo, Religiosidade e Cultura no Espaço de Uberlândia-Mg**. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 8, n. 23 Edição Especial

REIS, João José. **A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
Revista Ciência Hoje. Vol. 44. Nº 263. 2009

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique **Dicionário de Conceitos Históricos**-Ed.Contexto – São Paulo; 2000.

TOMASI. Julia Massucheti. **Cortejos fúnebres e velórios: os ritos fúnebres católicos na cidade de Florianópolis (SC) na contemporaneidade**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, n. 17, Setembro 2013.

Nos cemitérios da cidade de São Paulo. Licere, Belo Horizonte, v. 10, n.1. 2007. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2010.

Dia de finados no Monte Santo. Disponível em <http://globotv.globo.com/rede-paraiba/jpb-2a-edicao/v/dia-movimentado-no-cemiterio-monte-santo-em-campina-grande/2228206/> acesso 12/05/2015.

Historia do cemitério Monte Santo. Disponível em <http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20141102081523&cat=paraiba&keys=mais-mil->

pe^{so}as-devem-visitar-cemiterios-campina-grande-religiosos-falam-sentido-data acesso em 13/05/2015.

Imagem da fachada do cemitério Parque Santo Campo da Paz: disponível em <http://www.camposantoparquedapaz.com.br/Estrutura.aspx> aceso 27/05/2015.

Imagem da fachada do cemitério Monte Santo, disponível em <http://sesuma.org.br/cemiterio-de-nossa-senhora-do-carmo-monte-santo/> acesso 27/05/2015.

Significado de tumulo disponível em <http://www.dicio.com.br/tumulo/> acesso em 04/05/2015.